

O SER SERTANEJO A PARTIR DE VÁRIOS OUTROS OLHARES: OLHOS QUE AVISTAM O SERTÃO DE DENTRO DA ESCOLA.

Jusceli M.O.de C.Cardoso

Professora e pesquisadora UNEB/CAMPUS XI

E-MAIL: jcardoso_02@hotmail.com

RESUMO

O presente texto é resultado de pesquisa que focaliza discussão sobre as concepções que os sujeitos da escola fazem sobre o sertão. A pesquisa ocorreu em Serrinha, na escola pública, sobre o sertão, seu povo e suas manifestações culturais. Observamos a prática pedagógica além de entrevistarmos docentes e discentes. Conclui-se que as concepções que os sujeitos têm sobre o sertão, são pautadas pelo preconceito e pela tentativa de distanciamento além de que, são frutos da falta de informações.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Sertão, Preconceito, distanciamento.

Estação de partida: a realidade da escola e as interconexões com o sertão.

Os debates, cada vez mais profícuos, que trazem á tona a discussão quanto as relações indissociáveis entre academia e pesquisa, entre ensino e docência, entre escola e a realidade vivida no Semi-árido, se avolumam e ganham espaço nas mídias e textos tecidos por diversos pensadores da contemporaneidade.

Afinal, pesquisa e educação guardam entre si inter-relações importantes, sobretudo quando se pensa sobre o papel do educador para este milênio que se desenha como um educador crítico, reflexivo, inventivo e criativo.

Em outras palavras, a contemporaneidade já anuncia por si só qual é o perfil de educador que o mundo exige: não mais aquele professor dotado de verdades implacáveis, absolutas e herméticas. A sociedade, a escola, as famílias, os educandos necessitam de um educador ciente de que não se pode construir conhecimentos de modo contemplativo, de modo passivo, inerte diante de um mundo que se metamorfoseia em frações de segundos. Nesse sentido, precisamos da pesquisa como alimento indispensável a própria existência da academia, como o ar que penetra alimentando de vida os prédios, laboratórios, salas de aula das nossas universidades.

A pesquisa é isso: alimento, água, ar que vivifica a dignidade e as esperanças de estarmos na universidade a procura do conhecimento, na ânsia de mudança, na esperança de dinâmica transformativa de vidas, pessoas, situações, de comunidades.

Bem propriamente já pontuava BAGNO(2000):

*Pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia em latim o verbo *perquiro*, que significava “procurar; buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca”. O particípio passado desse verbo latino era *perquisitum*. Por alguma lei da fonética histórica, o primeiro R se transformou em S na passagem do latim para o espanhol, dando o verbo *pesquisar* que conhecemos hoje. Perceba que os significados desse verbo em latim insistem na idéia de uma busca feita com *cuidado* e *profundidade*. Nada a ver, portanto, com trabalhos superficiais, feitos só para “dar nota” (BAGNO, 2000, p. 17).*

A palavra pesquisa, em seu sentido etimológico já anuncia o sentido da pesquisa para a educação: uma busca planejada e desenvolvida com cuidado e profundidade, longe de ações superficiais e descontextualizadas.

Nessa direção, o nosso fazer docente pontuado na região do Semi-árido baiano, vem sendo desenhado também pelas trilhas da pesquisa sendo que esta se constitui em uma ação de reação permanente a rigidez do sistema, ao tradicionalismo dos métodos de ensino, a negação à produção do conhecimento através da nossa junção de esforços

num coletivo ao qual passamos a denominar grupo de pesquisa: História, Memória, cultura e descolonização do Sertão.

A trajetória de ação do grupo de pesquisa se delineia a partir do ano de 2006, quando passamos a atuar como educadores - pesquisadores em diversos espaços institucionais, inclusive, no âmbito do ensino médio de escolas públicas da região do sertão, mediante trabalhos de extensão/pesquisa ação. Várias ações foram efetivadas pelo grupo, como trabalhos formatados em torno de colóquios, palestras, oficinas pedagógicas os quais nos oportunizaram o exercício do olhar e da escuta sensível dos sujeitos e do lócus escolar com relação a várias singularidades, entre as quais as inter-relações construídas entre a escola e a identidade do ser sertanejo, fato que nos veio a tona, durante nossa ação nas unidades escolares públicas.

Atuando também como educadores no ensino médio com a disciplina Língua Portuguesa e Literatura, junto a jovens da cidade de Serrinha, nos deparamos com uma situação singular: Os jovens, mesmo sendo atores e atrizes residentes no Semi-árido baiano, não se percebem como sujeitos sertanejos, atribuindo inclusive, ao homem/mulher sertanejos um sentido pejorativo, indo do dó, piedade até a visões preconceituosas e distorcidas em relação a realidade vivida no contexto do Semi-árido baiano.

Tal constatação se desenhou ao nosso olhar quando da leitura de um dos clássicos da escola pré-modernista da nossa literatura: O livro os Sertões, do renomado Euclides da Cunha. Em momento de debate sobre o olhar euclidiano sobre o Homem e a Terra sertaneja, observei que, haviam risos e discursos pejorativos na turma.

Assim tal problemática nos foi apresentada, quando da nossa estadia na escola de segundo grau, quando efetivamos estudos Literários junto a docentes e alunos do ensino médio quando percebemos que, entre os sujeitos prevalecia uma representação do sertão pautada pelo olhar unidirecional, onde, em geral, prevalecia distorções sobre o sertão. Além de verificarmos um certo tom preconceituoso nas falas dos sujeitos quando se referiam ao espaço sertanejo e ao homem/mulher do sertão. Começamos a desenhar o problema a ser estudado: Afinal, quais as representações sociais os alunos do ensino médio fazem sobre o sertão?

Diante de tal problema, que se apresentou a nós, pesquisadores do NUPE/CAMPUS XI, por ocasião da nossa militância nas ações de ensino e extensão, buscamos averiguar, no âmbito teórico e prático, o que representa o sertão, para nós, sujeitos sertanejos. Para que isso fosse possível, nos aventuramos numa ação inovadora de fazer a pesquisa: a pesquisa em ação colaborativa, parceira, num exercício fecundo de uma ação investigativa construída a três mãos: a pesquisa colaborativa edificada por um grupo de três pesquisadores

Investigando o que concebem os sujeitos sobre o sertão e as práticas de sala de aula.

Detectado o problema a ser investigado, o grupo de pesquisadores efetivou um estudo científico tendo como foco as representações sociais que os estudantes e docentes que atuam no ensino médio fazem sobre o sertão.

Tal estudo foi realizado no período de 2006 a 2007 quando a equipe passou a efetivar os procedimentos da pesquisa que se constituiu pautada pela abordagem qualitativa uma vez que acolhemos tal perspectiva por percebê-la como a mais

adequada para estudarmos o fenômeno focalizado no lócus escolar no espaço do Colégio Estadual Rubem Nogueira, na cidade de Serrinha, na Bahia.

Desta forma surgiu a abordagem qualitativa como norteadora dos estudos principalmente porque abrange muitos aspectos inclusive os subjetivos, os quais, na abordagem quantitativa não são contemplados, pois, esta se volta para dados mensuráveis a partir de recursos e técnicas estatísticas.

Para procurar saber como a escola trabalha a identidade do ser sertanejo foi preciso adentrar no universo real em que acontecem tais relações, observando, registrando e dialogando com os sujeitos da pesquisa. Desta maneira, consideramos os sujeitos como seres sociais, políticos e culturais e por estes frequentar um espaço que por natureza, é de caráter social (como a escola), este(a) estudo/pesquisa teve (por obrigação) a característica também social, pautada na abordagem qualitativa, que se configura como sendo um processo de reflexão e análise da realidade.

Assim, a definição do tipo de pesquisa e as técnicas e procedimentos utilizados, possibilitaram uma coleta de dados ampla do fenômeno que estava sendo estudado, justamente porque a abordagem qualitativa é abrangente e permite a presença e ações do(a) pesquisador(a) no cenário investigado.

Para isso, foi necessário definir como tipo de pesquisa o estudo de caso por contemplar a singularidade do lócus, ou seja a unidade escolar como espaço privilegiado para a investigação.

O estudo de caso é um tipo de pesquisa das ciências sociais em que a investigação considera o objeto como algo histórico-social, e assim, segundo Barros (1990) ao estudar o objeto deve-se levar, em consideração os sujeitos e o pesquisador como seres participantes dos grupos sociais e da sociedade que tem intencionalidade e que dão significados às ações e construções. O objeto de estudo está inicialmente ligado as ações dos sujeitos sociais, e portanto, tem de ser considerado neste aspecto.

Para investigar o problema do estudo foi preciso escolher um caso específico, (logo se delimitou o tipo de pesquisa), sala de aula do ensino médio. Neste sentido, o estudo de caso “(...) se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.17), e se caracteriza segundo OLIVEIRA(2007, págs. 55-56) como “(...) um estudo aprofundado a fim de buscar fundamentos e explicações para determinado fato ou fenômeno da realidade empírica”, além disso, “(...) é um método abrangente que permite se chegar a generalizações amplas baseadas em evidências e que facilita compreensão de realidade”.

Acolhemos como técnica de coleta de dados a observação, que nos permitiu vantagens como: a experiência direta é o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno; possibilita a aproximação da “perspectiva dos sujeitos”, identificando com isso o significado que eles dão à realidade em que vivem e as próprias ações; os procedimentos são extremamente úteis para descobrir aspectos novos de certo problema; e outra vantagem é que, em pesquisa do tipo estudo de caso, a observação é uma técnica crucial por possibilitar a introspecção do observador *in loco*, em que o mesmo pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação dos dados coletados.

Além do procedimento do roteiro, utilizamos também com a técnica de observação, o procedimento de gravação de módulo discursivo, pois, segundo OLIVEIRA (2007, p. 30) a técnica de observação “(...) pode lançar mão de filmagens com produção de vídeo ou simples fotografias, que posteriormente podem ser analisados (...) em termos qualitativos”. Com isso, foi possível registrar e visualizar o

trabalho real e as relações discursivas orais de forma natural, empírica. Esse procedimento foi muito importante na pesquisa, pois, conseguimos observar/visualizar na dimensão da oralidade como circulam os discursos escolares sobre o Sertão, seu povo, sua cultura.

Além da observação usamos a entrevista pois “é importante atentar para o caráter da interação que permeia a entrevista, sendo que, (...) na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca, entre quem pergunta e quem responde”. Desta maneira, a entrevista tem característica peculiar na absorção de dados, em que a observação em si não consegue captar. Em relação a pesquisa desenvolvida o diálogo com a professora e com os jovens foi extremamente importante para compreender as práticas da sala de aula bem como as visões que fazem sobre o sertão.

Então, além de possibilitar o momento de troca através do diálogo, a entrevista considera as realidades e sentidos que são explorados na situação de emissão e recepção de informações, uma vez que, o que é exposto por parte do entrevistado está intimamente ligado a própria vida e a ação e isso não se pode ignorar.

E ainda assim, o fator mais importante na entrevista gravada é a atenção em que o entrevistador pode dar ao entrevistado, uma vez que este terá sua atenção voltada exclusivamente para as exposições do entrevistado.

Foi necessário também organizar a entrevista coletiva com as crianças caracterizando assim, o trabalho com o grupo focal sendo que, assim como foi solicitadas informações com a visão da professora, precisava também ouvir a visão dos alunos em relação ao tema da pesquisa.

Foi com esta concepção que optamos a realizar a entrevista coletiva com os alunos do ensino médio através do grupo focal. Foi um trabalho muito interessante, sendo organizada de forma específica já que os sujeitos eram estudantes do ensino médio.

Com o uso das técnicas descritas acima, pudemos ter um contato amplo com a realidade o que nos possibilitou a chegar a algumas constatações sobre o que investigávamos:

Olhares dos sujeitos sobre o sertão. O que revela a realidade:

Entrevistados que foram os docentes de todas as disciplinas (e neste estudo contamos com a participação de seis professores das disciplinas: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Redação, Artes, Geografia, história e Biologia, indagamos sobre como a escola trabalha o tema Sertão /Semi-árido. Obtivemos várias falas entre as quais destacamos as mais significativas:

Pra mim nunca vi assim um projeto aqui falando do sertão.Nós de Geografia trabalhamos os conceitos que vêm nos livros como um espaço geográfico marcado pelo clima semi-árido, seco, sem chuvas com muita falta de água, seca e fome...(docente x1))

Já a professora de Biologia afirma que há no currículo uma nova disciplina EUCA (só não sabe o significado) mas dizia: **Em EUCA a professora deve falar um pouco sobre o ambiente da caatinga... É que em Biologia o conteúdo do terceiro ano é mais voltado para Genética....(Docente x2)**

A docente x3 ainda diz:

Rapaz e tanta coisa que a escola tem que fazer.. Por exemplo, cada dia é um Projeto diferente que a DIREC manda.. é AIDS, drogas, sexualidade.. tanta coisa que o ano passa e agente não vê o que fez... Agora do Sertão mesmo... nunca teve não... Agora acho que é um tema mais voltado para outra realidade não é não... Por exemplo, aqui na cidade é sertão??? (risos) nem

mesmo seu sei onde agente fica.. Também com tanta mudança no tempo... chuva em vez de sol, sol em vez de chuva... o aquecimento global ta ai não é....(docente x3)

Neste bloco de falas, fica nítido o que se revelou na prática .A escola , efetivamente não tem discutido com os sujeitos do Sertão os conteúdos ligados ao Semi-árido e o pior : o que revelam nos discursos, se reproduz nas práticas uma vez que, em observações feitas na escola, durante o período da pesquisa não presenciamos nenhuma projeto focalizando o tema Sertão.

Já quando investigamos os discentes, tivemos mais alguns depoimentos que reforçam a visão preconceituosa e distante do imaginário do ser sertanejo onde sempre se colocam como fora do contexto, se referendo ao sertão como lá, lá longe, para os lados de lá, exteriorizando um sentimento de evasão, de distanciamento mesmo.

Eu acho que não é não... Sertão é lá pros lados de Canudos onde o vento faz a curva...Sertão! Acho que não. Sertão é muito seco, tem muita fome.Diz até que lá o pessoal come mandacaru... lagartixa...

Eu hein.. Ta doido.Sertão é lá depois de Euclides da Cunha... Rapaz diz que é seco, num tem água de jeito nenhum.. Num sei como os cara de lá vivem....

Não... Sertão não é aqui não... Olha no livro diz assim: sertão: Lugar deserto... sem chuva, sem vida... Já li isso num livro de geografia.. Eu me lembro porque táva na sexta série e fiquei pensando muito como o povo d elá mora.. Como passa o dia..

A professora disse que tem gente no sertão que passa o dia todo, uma família por exemplo de quinze pessoas passa o dia com um pote de água... Eu nem imagino é muito sofrimento...

Graças a Deus nós daqui não passa por isso.. água tem muita que vem lá de Biritinga..
Então se tem água, não e sertão:

Notamos, que a visão prevalecente entre os sujeitos discentes parece comungar com a visão dos docentes, uma vez que reforçam o olhar negativo, onde o sertão é visto como seco, lugar de fome, de tristeza. O sertão sempre é referido como Lá (ou seja, numa posição de distanciamento entre o locutor e o imaginário de um mundo de fome, seca e de miséria).

A investigação confirmou enfim aquilo que destacamos quando da aula de literatura lendo o Sertão de Euclides.Infelizmente a visão sobre o sertão e o Semi-árido que a escola veicula e reforça de modo indireto, ainda está ligada ao preconceito e a falta de informações sobre tecnologias adaptadas que garantem a vida digna no Semi-árido, mesmo com a escassez de chuvas e o clima inóspito.

Numa linha contrária, entretanto, encontramos um trabalho que estava sendo feito pela docente de Redação e achamos relevante pois caminhava em direção contrária a visão prevalecente na escola: No trabalho notamos já uma visão diferente para o sertão, mesmo que tratada de modo assistemático(pois ela revelou que fora apenas um texto que conseguiu de uma professora com a qual havia tomado um curso e atrelou a uma seqüência didática elaborada para produzir texto de opinião).

Neste texto, notamos que a visão negativa do Semi-árido é desconstruída:

Vejamos inicialmente, uma atividade didática que foi colhida na sala de aula da docente x6, na escola onde fizemos o estudo :

Cenário inesquecível.

Não imaginei que aquele cenário me atrairia tanto. Aquela viagem havia sido preparada pelos meus pais, que geralmente não tem lá um gosto muito admirável por paisagens interessantes. Entretanto, aquele passeio ao sertão baiano começava a me revelar grandes surpresas.

A medida que percorríamos aquela estrada velha, esburacada, prova que em pleno século novo, os governantes continuam teimando em esquecer aquela região, meus olhos iam experimentando novas descobertas.

Uma agonia começou a queimar meu peito: Seria o sertão somente aquilo: cenário de dor e morte, de fome e miséria?

Na escola, sempre ouvi dizer que sertão é sinônimo de seca, miséria, fome. E parecia que era assim mesmo. O calor era insuportável, sol quente e poeira: combinação que atormenta os viajantes que precisam cortar aquela região inóspita. Ali adiante, avistamos ossadas de animais mortos... Parece um deserto, salpicado ali e acolá por casinhas pequenas de barro e taipa que, incrivelmente, podem abrigar um homem em pé. Uma incomensurável sensação de abandono e desesperança parecia brotar daquele cenário. No mais, vegetação rala, rasteira, retorcida. Cactos enormes apontando para o céu como que a implorar ao Deus pai pela milagrosa chuva, única capaz de aplacar a ira do sol inclemente. Parecia que aquilo tudo não findaria.

Entretanto, quando as minhas esperanças pareciam se esvaír, como que num passe de mágica, avistamos um cinturão azul...Era um azul tão vistoso, tão vivo, que se confundia como céu. Ao redor daquela faixa azul o milagre: Uma imensidão verde que parecia não ter fim. Era um oásis no meio da seca. Quando nos aproximamos, percebi do que se tratava aquela visão: O milagre da água que fazia a vida vingar no seco torrão sertanejo. Plantas, frutíferas botavam milagrosamente naquele solo encascalhado e seixoso. As mais doces uvas que experimentei... Melões cor de ouro, doces como o mel. Mangas gigantes como são os homens e mulheres que labutavam ali, naquele pedaço de chão. Adiante, cabras pastavam, gordas...

O cenário me parecia totalmente diferente daquele que percorrera anteriormente. Assim descobri que o sertão poderia ter outra imagem, diferente daquela que a escola nos ensinou a reconhecer como única e fatídica: O sertão também pode ser representado com o azul e o verde da esperança de dias melhores para seus filhos. Descobri que o povo sertanejo pode lutar para construir um novo retrato para o Sertão, pois como dizia Caminha, lá, em se plantando e aguando, tudo dá.

Trabalhando as idéias do texto:

- 1.Você concorda com o autor do texto sobre as suas impressões sobre o sertão?
- 2.A que o autor do texto se refere quando comenta: O sertão poderia ter outra imagem diferente daquela que a escola nos ensinou .
- 3.Como você percebe a realidade do povo sertanejo, atualmente?
- 4.Você concorda com as idéias expressas na conclusão dada ao texto? Justifique-se.
- 5.Em sua opinião, o que poderia ser feito para transformar a realidade sertaneja?
- 6.Você acredita que podemos reconstruir uma nova imagem do sertão?
- 7.Sua cidade está situada geograficamente no sertão?
- 8.Como você retrataria o homem sertanejo?
- 9.Em sua opinião, qual a verdadeira imagem do povo/ terra sertaneja? Reuna-se em dupla e produza um texto de imagens, tentando descrever sua visão sobre o sertão.

Tal atividade feita pela docente x6 reafirma a proposição de que, na escola, é possível ser fomentada a idéia de um Sertão diferente, onde os sujeitos poderão viver com dignidade, bastando para isso, estabelecerem relações de convivência com o meio ambiente, adaptando tecnologias e saberes já existentes no conjunto cultural do povo sertanejo.

Com o texto que capturamos na escola, percebemos que, podemos plantar algumas sementes na sala de aula, enfocando o respeito do sertanejo a sua própria história, as suas manifestações e tradições culturais.Tivemos a certeza de que a sala de aula é local de plantar sementes que, efetivamente poderão dar frutos se o trabalho mediativo feito pelos sujeitos docentes estiver comprometido em edificar novos olhares para a realidade do Semi-árido, desconstruindo a visão hermética de que no Sertão só tem fome, seca e miséria.

Uma (in)conclusão.

Assim, pensamos que a sala de aula deve ser configurada como espaço profícuo, de debates, diálogos onde no dizer e no escutar livre, as pessoas vão edificando suas aprendizagens e seus conhecimentos. Precisamos então, ressignificar nossas práticas para que, não tenhamos como frutos, equívocos como os pontuados nas falas das pessoas que ouvimos no transcorrer da investigação feita:Equívocos, evidentes, provocados pela falta de informação, pela carência de diálogos com a

realidade próxima, diálogos inclusive com a natureza e meio ambiente circundante. Precisamos abrir e instaurar em nossas escolas uma nova ótica de entender e respeitar os diversos espaços ambientais, mediante a leitura de mundo ampla, como já dizia FREIRE (2004), num movimento dialógico onde confluem opiniões, imagens e realidades plurais do mundo local em face da urgência que temos de construir as árduas lições de aprender a conviver de forma harmônica no espaço local e no âmbito global.

Tal perspectiva para ser operacionalizada depende em grande medida do esforço coletivo dos sujeitos na busca efetiva de ações educativas que tragam para a escola a discussão e as informações necessárias à compreensão do espaço sertanejo

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Coleção Leitura).

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola: como é, como se faz**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. – São Paulo: EPU, 1986.

MAY, Tim, **Pesquisa social: questões, métodos e processos**; tradução Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Rui de. **Neurolinguística e o aprendizado da linguagem**. – 1ª ed. – Catanduba, SP: Editora Respel, 2000.

a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/">
O sertão visto e revisto pelos sujeitos da escola: visões e perspectivas is licensed under a Creative Commons Atribuição-Usão Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License.